

EDITORIAL

Caros(as) leitores(as):

Quando este número for publicado teremos ultrapassado a marca de 500 dias desde que a OMS declarou que o mundo enfrentava uma pandemia de COVID-19. Neste intervalo de tempo, saímos de algo em torno de 50 casos confirmados para mais de 20 milhões, 550 mil mortes confirmadas e uma média de mais de mil mortes por dia. Atraso na aquisição de imunizantes, propaganda falsa de medicamentos preventivos, instalação de CPI no Senado Federal, disputas político-partidárias sobre os mais variados elementos que compõem este cenário. Recentemente, a pessoa que ocupa o cargo de Ministro da Educação apareceu em rede nacional de TV para afirmar ser urgente a retomada das aulas presenciais, ainda que nem mesmo os profissionais que atuam nas instituições educacionais estejam plenamente vacinados. Isto para não falar das famílias dos alunos da Educação Básica e os alunos do Ensino Superior.

Fala-se em volta às aulas como se as escolas, em seus diferentes níveis, não estivessem em atividade durante todo este tempo. Findo o momento inicial, em que quase ninguém imaginava o tempo que passaríamos em pandemia, todos os sistemas se organizaram para garantir acesso à educação remotamente. Nisso, a gigantesca desigualdade socioeconômica brasileira se fez muito evidente. É impossível afirmar,

sem incorrer em mentira, que alunos das redes públicas e particulares estiveram sequer perto das mesmas condições de aprendizagem. Seja pela baixa ação dos mantenedores públicos, seja pelos novos desafios de sobrevivências das camadas menos favorecidas economicamente, a educação pública penou.

O que não faltou neste tempo de ensino remoto, ou híbrido em alguns casos, foi disposição de muitos professores para construir estratégias de enfrentamento à situação. Dispondo de mais ou menos acesso às tecnologias digitais, muitos desses profissionais se viram compelidos a organizar seu trabalho pedagógico apoiado em suportes sobre os quais nunca foram preparados para ter domínio. Ainda é cedo para medir os impactos educacionais destes tempos, mas tal qual a previsão de que o prejuízo será muito difícil de ser superado é a de que as novas tecnologias entraram de vez no chão da escola. Quanto e com qual domínio ainda não sabemos.

Publicações acadêmicas, como a Revista Edapeci, objetivam auxiliar nessa construção por meio da divulgação de pesquisas de professores (iniciantes neste trato, ou já mais experientes no assunto) acerca do uso de tecnologias digitais no ensino. Neste número, disponibilizamos trabalhos sobre formação EaD em Gestão Pública, aprendizagem ativa colaborativa em ambiente de webconferência, educação corporativa e metodologias ativas, formação continuada na

modalidade EaD de agentes de segurança pública, aprendizagem significativa interdisciplinar mediada por tecnologias digitais, percepção dos alunos do Ensino Médio acerca do ensino no período de isolamento social. Temos também contribuições internacionais: uma que investiga as habilidades de escrita de alunos iranianos em Inglês e outra que aborda o problema de aumentar a eficiência dos testes adaptativos por computador para estudantes em instituição de Ensino Superior.

Boa leitura!

Prof. Dr. Fábio Alves dos Santos
Universidade Federal de Sergipe
Editor-Gerente